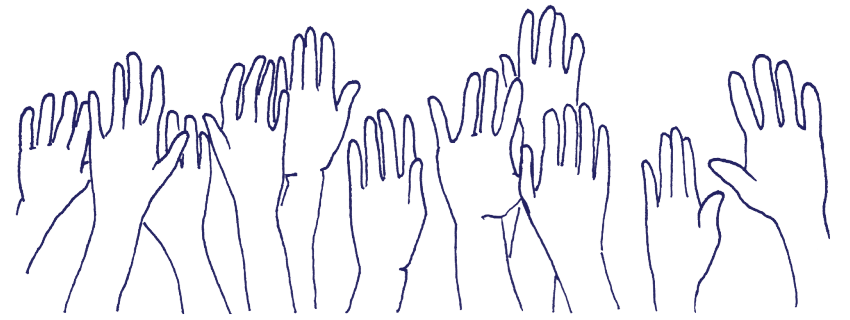




em educador

grupo de estudos poéticos em arte e educação



2019, SÃO PAULO, BRASIL

TÍTULO EU EDUCADOR

FORMATO 15 X 21 CM

TIPOGRAFIA ADAM.CG. E CALVET

MIOLO PÓLEN BOLD 90 G/M²

TIRAGEM 110

/110

CONTATO GRUPODEESTUDOS.GEPAE@GMAIL.COM

@GRUPODEESTUDOSGEPAE

TEXTOS E ILUSTRAÇÕES ANDRESSA NISHIYAMA,
ANGÉLICA DURÃES, LEANDRO OLIVA C. PENHA,
LETICIA SOARES DE LIMA, NATALIA GIRASOL,
ROSANGELA MARTINS CAPRONI E SERENA LABATE

PROJETO GRÁFICO SERENA LABATE

REVISÃO E ACOMPANHAMENTO ANDRÉ GRAVATÁ



VOCÊ TEM O DIREITO DE:

COMPARTILHAR: COPIAR E REDISTRIBUIR O MATERIAL
EM QUALQUER SUPORTE OU FORMATO.

ADAPTAR: REMIXAR, TRANSFORMAR, E CRIAR A PARTIR
DO MATERIAL.

O LICENCIANTE NÃO PODE REVOGAR ESTES DIREITOS
DESDE QUE VOCÊ RESPEITE OS TERMOS DA LICENÇA.

eu educador



grupo de estudos poéticos em arte e educação

SUMÁRIO

VIDA VINDO VASTA 6

ANDRÉ GRAVATÁ

SOBRE NÓS 8

GEPAE

MAPAS DE PALAVRAS E INCERTEZAS 12

ANDRESSA NISHIYAMA

O CORPO DANÇANTE NO ESPAÇO ESCOLAR..... 20

ANGÉLICA DURÃES

CARTA AOS MEUS PROFESSORES 28

LEANDRO OLIVA C. PENHA

34 37 SEMANAS DE GESTAÇÃO

LETICIA SOARES DE LIMA

38 ARTE: RESPIRO NECESSÁRIO

NATALIA GIRASOL

46 INQUIETAÇÕES

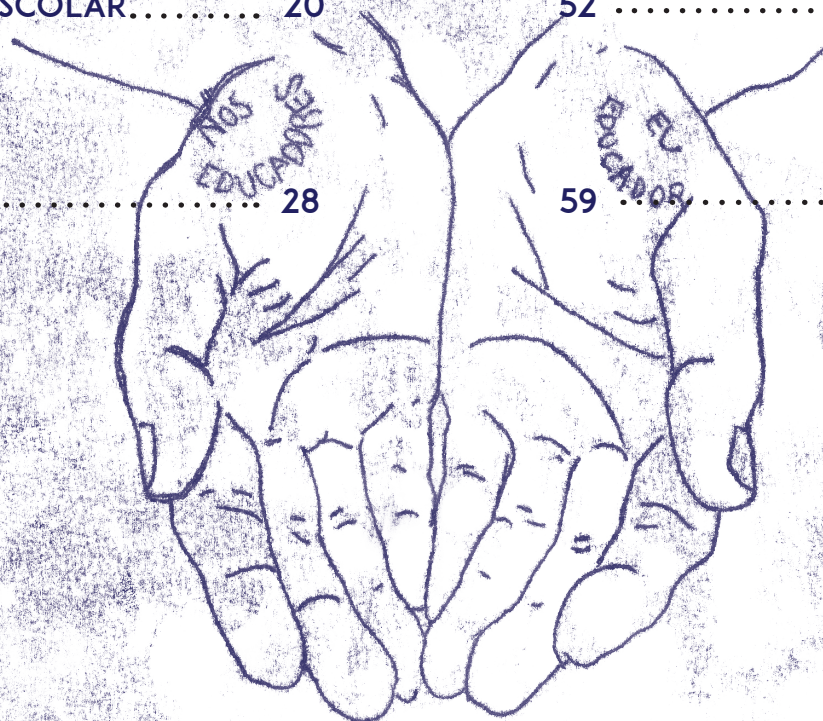
ROSANGELA MARTINS CAPRONI

52 EDUCADORES QUE DIZEM NÃO

SERENA LABATE

59 QUE NENHUM MURO

GEPAE



VIDA VINDO VASTA

.....
ANDRÉ GRAVATÁ



ANDRÉ GRAVATÁ É POETA E EDUCADOR. CULTIVA COM POESIA A PERPLEXIDADE PARA DESACOSTUMAR O OLHAR. APAIXONADO PELO BRASIL, TEM CADA VEZ MAIS FOME DE VIDA PRESENTE.

O tempo presente é um chamado
para mais corpo no corpo,
para que não evitemos a coragem
e a intimidade
por medo.

Este livro nasce de um grupo
que se entrelaçou na intimidade
criada ao longo de vários encontros,
sonhos, incertezas, liberdades.

É um livro para
aproximar educação e vida
aproximar escola e espanto
aproximar educador e hoje
aproximar perguntas
e te convidar a ver a vida vindo vasta.

O tempo presente é de fúria e as feras à solta temem
a vida vindo vasta. Porque pessoas que assumem
sua vastidão e, assim, sua potência, são como
terrenos que de tão férteis abraçam florestas inteiras.

Cada pessoa neste livro juntou palavras que refletem
suas práticas. Palavras que dizem não para o que é injusto.
Palavras que dizem sim para a cultura popular, para a
dança, para a convivência, para o erro, para o nascimento.

Este livro é uma provocação do GEPAE para
inventarmos experiências e gestos comprometidos
com nosso tempo presente. Para que nosso corpo seja
mais vastidão e poesia.

SOBRE NÓS

Nossa história começa na Escola de Comunicações e Artes da USP quando, em busca de novas experiências em arte e educação, nos encontrávamos semanalmente entre os anos de 2015 e 2017 no curso de extensão “Arte na educação: teoria e prática”.

Muitos foram os caminhos que nos levaram até aquele instante. Entre nós, uma diversidade de repertórios e de atuações profissionais: pesquisadores, artistas, professores, entre outros entusiastas do tema. Lá, naquele espaço-tempo, houve muito olho no olho e brincadeiras de roda. As crianças que um dia fomos puderam encontrar, no palco e na grama, espaços para reviver os encantamentos da infância. Iniciamos uma trajetória de sensibilização de nossos canais perceptivos e estivemos à deriva muitas vezes. Embarcamos no casco de uma tartaruga para contar um pouco de nós e fomos surpreendidos pelas potências de nossas vozes, pelos traços de nossos desenhos e pelas florescências que brotaram de nossas mãos.

O desejo de continuar a troca de experiências e o contato com outras perspectivas fez nascer, em 2016, o Grupo de Estudos Poéticos em Arte e Educação (GEPAE). Nossa intenção é estabelecer espaços de reflexão que ressoem poeticamente nossas inquietações. Para isso, realizamos reuniões mensais nas quais os temas arte e educação se aproximam na teoria e na prática. Procuramos sempre iniciar o encontro com uma vivência corporal com a intenção de realizar uma pausa na aceleração dos dias. Acreditamos que manter nossos corpos atentos contribui para questionar os efeitos do automatismo de nossas ações cotidianas.

Ao longo do curso, fomos convidados a refletir sobre o papel do educador contemporâneo. Sem a pretensão de dar um contorno definitivo a uma questão tão complexa, o desafio que nos colocamos agora é atualizar essa reflexão a partir do eu-educador que existe em nosso grupo hoje. Olhar para nossa trajetória, dentro e fora deste coletivo, é um exercício constante a que nos propomos. Essa prática visa a analisar o contexto em que vivemos e procurar o que é essencial em nosso trabalho e em nossas vidas. A partir disso, temos em nosso horizonte a construção de novos caminhos e possibilidades.

Você encontrará por estas páginas algumas ilustrações. São obras de cada um de nós, realizadas em um dos nossos encontros a partir de uma sugestão da Serena, educadora e artista do grupo. Criamos essas imagens com desenhos feitos em uma superfície lisa e coberta de tinta usando a técnica de impressão chamada monotipia. As manchas que surgiram e tanto nos encantaram tornaram cada impressão singular.

Pelos voos das imagens que permeiam estas páginas, convidamos você a caminhar conosco. As palavras aqui escritas estão vivas em nossos corpos e mudam num ciclo de viver. Gostaríamos de compartilhar com você um pouco do que é sermos Andressa, Angélica, Leandro, Leticia, Natalia, Rosangela e Serena. Um pouco do que é sermos educadores.



MAPAS DE PALAVRAS E INCERTEZAS

.....
ANDRESSA NISHIYAMA



PROFESSORA DE
EDUCAÇÃO INFANTIL NA
REDE PRIVADA DE ENSINO,
ARTISTA E EDUCADORA.
PESQUISADORA DE
DANÇA, TEATRO E MÚSICA
EM CULTURA POPULAR.
PARA ANDRESSA, A
EXPERIÊNCIA, AS TROCAS
E A SENSIBILIDADE SÃO AS
FORÇAS DA MUDANÇA.

O período histórico atual apresenta uma rapidez enorme na troca de informações. A sociedade globalizada, por meio da internet, das redes sociais e de diversos aparelhos inteligentes, expande fronteiras e acelera nosso cotidiano. Vivemos um contínuo estado de alerta, pois essas transformações acarretam uma sobrecarga de atividades e estímulos. Cada vez mais, a capacidade de concentração vai sendo deixada de lado e as atividades e saberes que atuam num campo mais artesanal são desvalorizadas.

Jorge Larrosa Bondía, em seu texto “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, aponta uma perspectiva de compreensão deste contexto:

“A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio”.

O autor cria um contraponto a este contexto conturbado, trazendo à tona a ideia de experiência. A experiência como uma outra possibilidade de apreensão do mundo, uma forma de conviver com outras formas de percepção e escuta do espaço e das vivências ao redor. Ainda do texto de Larossa, temos uma descrição do que seria necessário para se ter uma experiência:



“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”.

A partir da relação entre experiência e educação em arte, pretendo construir a reflexão do papel do educador sob o viés da experiência, considerando que

ela traz consigo uma resposta à cultura da massificação, da velocidade e da informação. O recorte escolhido para discorrer sobre o tema é o da educação em arte, lugar de onde parte o meu ponto de vista. Escolhi algumas palavras para mapear a reflexão: resistência, afeto, reinvenção, suspensão, descoberta e risco.

Considerando que a arte mexe diretamente com os nossos sentidos, as práticas artístico-pedagógicas são processos que exigem um outro tempo, que envolvem um “perder tempo” que pode romper a lógica da informação e quem sabe abrir espaço para experiências significativas.

A ideia de ressaltar algumas palavras é identificar/ mapear ações das práticas artístico-pedagógicas que nos apontam caminhos de experiência. Primeiramente, atuar como uma artista educadora é algo que exige **resistência**. Manter-se nesta função é optar por trabalhar o campo do sensível e do subjetivo, é acreditar na potência transformadora da arte e lutar para que existam espaços onde ela possa fluir. Para isso, é importante muito **afeto**, é importante a presença de educadores que cultivem o carinho, o respeito e o cuidado, deixando-se afetar por aqueles e/ou por aquilo que acontece durante o processo de aprendizagem.

São inúmeras as vezes em que me afetei no trabalho: me afetei com sorrisos, com lágrimas, com palavras ásperas, doces ou amargas. Por diversas vezes, nas conversas em roda no projeto onde atuei, aprendi algo com meus colegas e as crianças. Me enchi de afeto ao compartilhar alimento – o alimento sempre vem carregado de história. Coisa simples é o alimento, mas nutre muito mais que corpo, nutre de sentido quem somos e com quem nos encontramos. Quanta história dividimos naquelas horas do lanche.

Encontrar-se com a experiência também é reinventar práticas, é reinventar-se, é permitir-se agir de forma permeável e disponível. É mudar de ideia no meio da brincadeira ou inventar uma nova regra pro jogo. É perceber que estamos em constante transformação.

Falar de suspensão envolve o tempo. Envolve parar o tempo, criar um novo espaço-tempo, respeitar os fluxos dos processos na educação e buscar espaços nos quais seja permitido experimentar, criar e pertencer. A suspensão é dar espaço para a experiência, o espaço para a troca, o encontro. Suspender o tempo pode ser apresentar a possibilidade de outras lógicas aos educandos.

Quando penso nessa ideia de **suspensão**, me vem à mente a vivência que tive com uma criança que foi diagnosticada com transtorno do espectro autista (TEA). Esta criança desestabilizava os encontros, por diversas vezes não permitia que os outros falassem e às vezes era bem agressiva. As outras crianças ficavam irritadas e não conseguíamos completar nenhuma de nossas atividades. Nossas expectativas e ansiedade mais atrapalhavam do que ajudavam no processo. Para ela poder estar conosco, percebemos que precisaríamos construir uma nova forma de vivenciar aquela turma. Foi necessário diminuir a carga horária do encontro, especificamente para ela, e conversar muito. Também colocamos um educador à sua disposição para que, quando ela ficasse incomodada, pudéssemos atendê-la. Dialogando com calma e muita atenção, foi possível para esta criança ter a liberdade de estar no espaço à sua maneira. Isso tudo mexeu com nossas certezas, foi necessária muita suspensão do tempo para que pudéssemos nos reencontrar e para

perceber como nos relacionar, verdadeiramente, com tantos desafios.

Foi uma experiência muito marcante para nossa equipe de trabalho, no final nos emocionamos com um barco feito de livro que esta criança construiu no projeto. Às vezes o tempo conta mais quando paramos de contá-lo.

E não é só o tempo que muda ao olharmos para as coisas com outros olhos, falar sobre a descoberta e o risco também me lembra a experiência que relatei acima, o sentido é parecido. Tanto descoberta como risco trazem a perspectiva da novidade, de parar para perceber que algo não é mais como antes.



A **descoberta** visa ao novo, à reinvenção do educador e do papel do educador, ela é aquilo que se busca, é a força motriz que sustenta a esperança em algo que ainda não se conhece. Ela move os educadores e os

processos educativos para caminhos nunca navegados, ela imprime em nossos corpos a vontade de desvendar novas possibilidades, de descobrir caminhos, de expandir, de desenvolver e de questionar. Para tal é necessário lidar com o risco. Um caminho novo, recém-descoberto, é sempre um risco. O desconhecido traz consigo a ideia de risco. A educação contemporânea reinventa-se a partir de novas descobertas e se constrói no risco, no erro e na dúvida. Arriscar é necessário, é fundamental, é onde o aprendizado e a experiência acontecem. Sem arriscar permanecemos em um espaço confortável, apáticos e insensíveis.

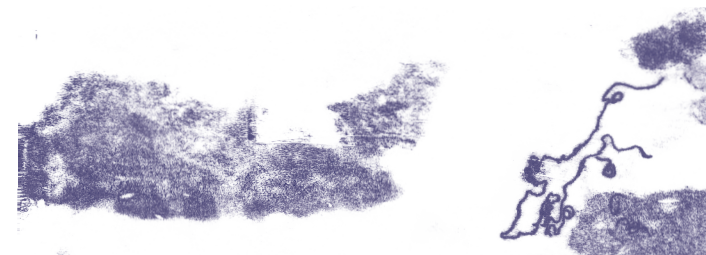
Assim, construir este emaranhado de palavras tecidas em pequenas sínteses é apenas desvelar um apontamento do como responder esta complexa questão. Quantas vezes não nos pegamos questionando o nosso próprio papel, nossa função, numa sociedade tão complexa?

É quase impossível responder de maneira exata essas questões e não há como negar que educação e arte vivem exatamente no lugar do não-exato, da incerteza. Nós, educadores e artistas, somos muitas vezes obrigados a rever nossas certezas e nossos caminhos, a realinhar o mapa de palavras ao que a sociedade está emitindo. De toda forma, falar sobre este assunto sempre me faz recordar a ideia de experiência que Jorge Larossa aponta e me dá vontade de colocá-la na órbita da minha prática artístico-pedagógica.

Pensar o papel do educador contemporâneo é olhar para seus próprios significados. É elaborar mapas que talvez caminhem para novos questionamentos, não para respostas. Também é andar lado a lado com

a possibilidade de acontecimentos e transformações significativas e potentes.

Os mapas têm cheiros, cores e sabores, ficam cheios de palavras, e às vezes esvaziam, tornam a receber regas e podas, mudam, novos rumos, mais memórias, pausas, cansaços, inspiração, expiração, muitas curvas, novas descobertas, riscos no chão para não perder de vista aquilo que já existe, viradas do avesso e mais passos. E assim seguem, resistem pela eternidade, seja no papel em que foram escritos, seja no olhar de quem os viu.



PARA SOMAR OLHARES

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a Experiência e o saber a Experiência. Revista Brasileira de Educação, 2002, n.19.

O CORPO DANÇANTE NO ESPAÇO ESCOLAR: ENTRE A FESTA JUNINA E A INÉRCIA

.....
ANGÉLICA DURÃES



DIRETORA DE ESCOLA
DOS ANOS INICIAIS
DA REDE PÚBLICA
ESTADUAL. PESQUISA A
INTERDISCIPLINARIDADE DA
ARTE EM DIÁLOGO COM
AS DEMAIS DISCIPLINAS
DO CURRÍCULO. PARA
ANGÉLICA, A EDUCAÇÃO
PELA ARTE É UM CAMINHO
PARA UMA SOCIEDADE EM
BUSCA DA ALTERIDADE.

A escola, principal instituição responsável pela educação formal de nossas crianças e jovens, passa por uma crise sem precedentes. Os avanços tecnológicos “colam” agora nos nossos corpos e de nossos alunos e disputam, dentro da própria sala de aula, a atenção e o interesse por tudo o que apresentamos a eles fora dos *smartphones*. Nos pátios das escolas não é incomum vermos cabeças abaixadas a olharem aplicativos e *games* em vez de interagirem em brincadeiras coletivas. Vemos, assim, surgir uma geração de jovens e crianças cada vez mais estática. Assistimos às nossas crianças e jovens crescerem e se desenvolverem tendo como base um estilo de vida que não prioriza a prática do movimento do próprio corpo e nem o contato corporal com as outras pessoas. Não é preciso fundamentarmos com pesquisas e mais pesquisas acadêmicas os prejuízos, pessoais e para a sociedade, de um estilo de vida assim, restrito à imobilidade e à falta de consciência e expressão corporal. Torna-se urgente que a escola assuma a sua responsabilidade na formação de alunos que vivem na contemporaneidade e que não devem, por isso, abandonar as possibilidades do corpo/movimento e expressão. E, nesse contexto, o ensino por meio da dança nas escolas pode ser um rico instrumento para despertar no aluno a consciência de si e dos outros.

Não se trata aqui de pensarmos a dança na escola como tradicionalmente acontece. As danças acabam surgindo no contexto escolar somente nas datas comemorativas, principalmente em festas juninas. As “dancinhas” coreografadas pelos professores – geralmente os de educação física –, acontecem com o objetivo de que as escolas mostrem aos pais um *show*

bem ensaiado. Assim, as crianças e jovens vivem na escola a experiência da dança totalmente descontextualizada de seus estudos e realizam uma atividade que deve acontecer para apreciação dos outros, pontualmente, e não para seu próprio desenvolvimento. As danças populares devem sim estar inseridas na escola, mas em um contexto mais amplo, como objeto de estudo e com possibilidades de reflexão e criação. Trabalhar com a dança como manifestação e conceituação da cultura popular de forma mais abrangente nos faz encontrar uma fonte infinita de possibilidades dentro do espaço escolar, inclusive sobre as questões culturais de nossa sociedade. Mas, para isso, como ressaltam os educadores Marcos Neira e Silvia Sborquia no livro “As danças folclóricas e populares no currículo da educação física”, é fundamental que o professor

“(...) acompanhe e ajude os alunos a identificar quais significados sobre a dança estão sendo produzidos nos diversos segmentos da sociedade, quais os efeitos que as diversas manifestações da dança produzem sobre seus integrantes e como se constroem as relações históricas e de poder nesses grupos sociais, sem desprestigiar nem desqualificar qualquer dança, muito menos seus representantes”.

“Nós somos um povo que vive dançando” é a constatação do poeta Olavo Bilac, em 1906, quando publica na revista Kosmos uma crônica em que estabelece um mapa da cidade do Rio de Janeiro com base na percepção de uma identidade sensível expressa pelo corpóreo-gestual dos habitantes de cada bairro da capital. Não é desconhecido que a dança é uma manifestação artística muito expressiva na cultura brasileira. É inevitável

pensarmos no Brasil como um país de grande mestiçagem cultural e, conseqüentemente, pensarmos que é possível conhecê-lo por meio de sua cultura popular e da expressão do corpo de seu povo. Como nos apresentam Antonio Nóbrega e Roseane Almeida no DVD “Danças Populares Brasileiras”, resultado de sua pesquisa pelo universo cultural do Brasil, nosso país de norte a sul narra nossas histórias por meio de danças como reisado, cavalo marinho, maracatu, samba, capoeira, frevo, toré, caboclinho, danças gaúchas, candomblé, tambor, coco, batuque paulistano, jongo, moçambique e boi bumbá. Trazer esse inesgotável universo cultural brasileiro para dentro da escola, para que os alunos experimentem gestos, movimentos e ritmos que se manifestam nos mais diferentes cantos do Brasil, é cumprir um dos importantes papéis dessa instituição: ser uma das responsáveis pela socialização do patrimônio cultural de seu país.

Mas o viés da cultura popular é somente um dentre tantas outras possibilidades do trabalho com o movimento corporal, a dança e o ritmo dentro da escola. A eurytmia, por exemplo, matéria fundamental do currículo da Pedagogia Waldorf, se propõe a unir o elemento artístico-plástico da fala e da música com os matizes do desenvolvimento dos sons e dos sentimentos. Com isso, transporta-se para o espaço cênico movimentos da coreografia, das cores, do figurino e da iluminação. O exercício da eurytmia busca o equilíbrio de forças atuantes no corpo humano e o educador Rudolf Steiner, criador da Pedagogia Waldorf, procurou conceber uma nova arte baseada na visão de mundo da antroposofia e inseri-la na rotina escolar. Ela é componente curricular nas escolas Waldorf da educação infantil até o ensino médio e tem como objetivo contribuir

para o desenvolvimento da criança e do jovem em suas diferentes fases e necessidades.

A dança contemporânea também oferece grande contribuição para o trabalho nas escolas. No início do século XX, as teorias do dançarino e coreógrafo Rudolf Laban trouxeram conceitos importantes para o desenvolvimento das potencialidades inerentes ao movimento e que podem ser aplicadas para fins educacionais. Também associado à antroposofia, linha de pensamento que amplia o conhecimento científico por meio do olhar para a natureza do ser humano e do



universo, Laban pensou no movimento como meio de expressão e se dedicou a uma meticulosa análise de seus elementos, suas combinações e das dinâmicas do ritmo. Sua contribuição trouxe a dança para os currículos escolares de vários países da Europa e dos Estados Unidos como matéria imprescindível para que o aluno possa reconhecer seu corpo juntamente com as possibilidades do movimento e o consequente aperfeiçoamento motor e da sensibilidade.

A dança sempre esteve nos currículos de algumas das mais importantes civilizações. Na Grécia Antiga, por exemplo, a educação dos guerreiros incluía filosofia, dança e música. Além da educação física, a educação musical era extremamente valorizada, assim como a poesia, o canto e a dança. Com a Revolução Industrial, nosso mundo ocidental viu reduzir, drasticamente, o ritmo da movimentação do ser humano a partir da redução dos espaços e da mudança do trabalho manufaturado para o trabalho industrial. As cidades inflaram, os trabalhos com as máquinas passaram a ditar os ritmos das pessoas que, para sobreviverem, precisaram acostumar seus corpos aos movimentos repetidos e monótonos das fábricas durante jornadas infundáveis e insalubres. Aprendemos, através dos tempos, que nosso dever é realizar somente os movimentos estritamente necessários, e a escola passou a formar pessoas prontas para o trabalho produtivo e capitalista. Curiosamente, no momento presente está acontecendo outra revolução tecnológica, que mais e mais ameaça nossa saúde corporal, mental e espiritual.

Os educadores precisam preservar na escola o tempo e o espaço para a aprendizagem da arte como forma de garantir que nossas crianças tenham a oportunidade

de, durante o período de sua formação, se desenvolverem com um currículo que também se estenda às inteligências espacial, musical, corporal-sinestésica, interpessoal e intrapessoal. Nosso momento sociocultural deveria servir de motivação para que os educadores reinventem as relações que estabelecem dentro da escola entre informação e conhecimento, criando outras formas de aprendizagem que levem em consideração que a escola não pode mais ignorar que suas crianças e jovens não são somente cérebros. Nossos alunos são também corpos e a natureza dos corpos é estar constantemente em movimento.

PARA SOMAR OLHARES

BILAC, Olavo. A dança no Rio de Janeiro. Kosmos, ano III, n. 5, maio, 1906.

MARQUES, Isabel A. Ensino de dança hoje: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 2008.

SBORQUIA, Silvia P. e NEIRA, Marcos G. As Danças Folclóricas e Populares no Currículo da Educação Física: possibilidades e desafios. Motrivivência Ano XX, n. 31, p. 79-98, dez, 2008.

DVD "Danças populares brasileiras" - Documentário de 2004 - Direção de Belisário Franca - Produzido pelo Instituto Brincante.

Sociedade Antroposófica no Brasil - <http://www.sab.org.br/>

CARTA AOS MEUS PROFESSORES

.....
LEANDRO OLIVA
C. PENHA



DIRETOR DE PROJETOS
SOCIOCULTURAIS COM
CRIANÇAS, JOVENS,
ADULTOS E IDOSOS.
PESQUISADOR DO ENSINO
E APRENDIZAGEM DE
ARTE E DA CULTURA
PERIFÉRICA. LEANDRO
ACREDITA NO COLETIVO
COMO POTÊNCIA DE
TRANSFORMAÇÃO
DA SOCIEDADE.

Inverno de 2018
Um sábado ensolarado
Entre janelas e prédios
Meu aniversário

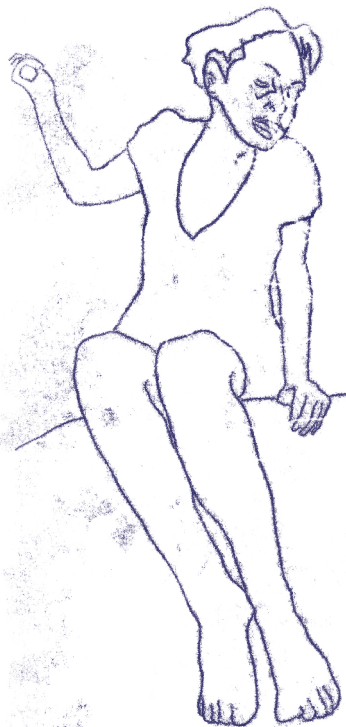
Mais um ciclo é finalizado e um novo chega como a lua no céu neste instante. Agradecimentos muitos. Os mais especiais dirijo a vocês, Izabel, Roseli, Claudemir, Nivaldo, Jânio, Héilton, Marieta, Yara, professores que me deram aulas inesquecíveis nos tempos dos antigos primário e ginásio, atuais Ensino Fundamental I e II.

Vocês marcaram minha vida positivamente, me formaram como cidadão. Apresentaram-me mundos que eu desconhecia até aquele momento entre 1981 e 1988. Hoje paro para lembrar cada um de vocês, com seus saberes, seus jeitos únicos de acordar nossa criatividade, seus convites para viagens por meio de histórias, palavras, silêncios, respiros, imagens.

Os dias vividos como criança e adolescente tinham outra relação com o tempo. Meu mundo também era outro. Mas, independentemente da época, vocês me prepararam para qualquer situação. Aprendi com vocês algo essencial: viver a vida em sua máxima potencialidade, encontrando a poesia em tudo e em todos no cotidiano, não importando a forma como ela se apresente.

Quantos papéis exerceram e representam, hoje, em minha memória, minha carne e minha alma! Poderia nomear e sintetizar essas experiências de aprendizagem, mas receio ser raso, superficial e, eventualmente, injusto.

Alicerçado na minha memória de educando, a partir do encontro com vocês, meus caros educadores, penso que o processo de aprendizagem não é um acúmulo de conhecimentos. Acredito que, ao exercer seu ofício, o



professor contribui para a ampliação de horizontes e perspectivas, faz boas perguntas mais do que dá respostas, cria interesses comuns, mobiliza, incentiva a experiência, a descoberta e o percurso investigativo. Ao rememorar, reconheço o comprometimento de vocês com causas, conteúdos, aperfeiçoamento, sentido, e, sobretudo, com o próximo.

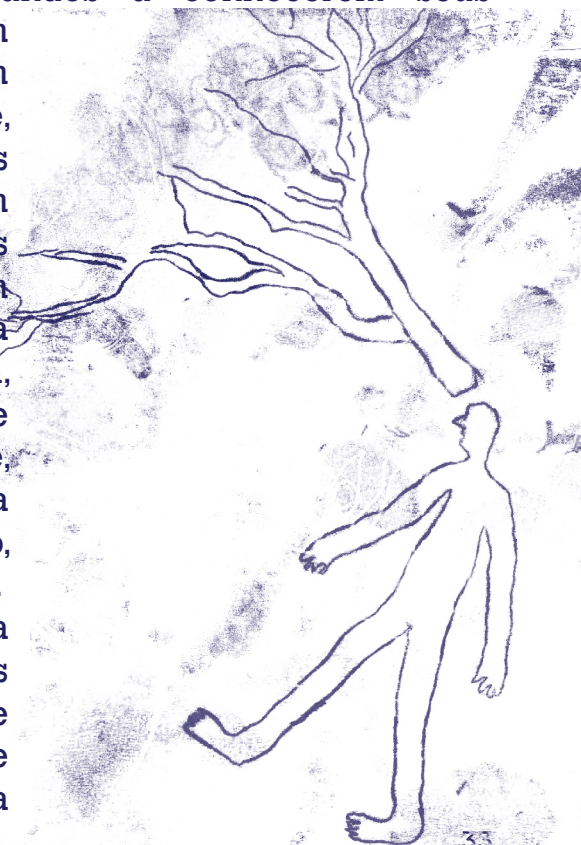
Trago cada um desses elementos em minha mochila ao trilhar caminhos que se cruzam entre a educação formal e não formal; seja em escolas, seja em organizações e projetos sociais. Torna-se essencial aprender com delimitação, com recortes e escolhas.

Vocês faziam essa seleção de conteúdos de forma magistral. Com suas ações, vocês me ensinaram que faz parte do ser professor criar contornos e ambiente propício ao aprendizado, o que implica em conhecer-se, estar presente, observar a si mesmo e aos outros, escutar, perceber cada indivíduo e o grupo, ter a consciência plena de que o aprendizado se dá além das palavras, mas também por meio dos gestos, posturas e até do tom de voz. Para isso, janelas abertas podem colaborar: visão de totalidade (política, econômica, cultural, social) holística e heurística, isto é, vocês eram e são profissionais que despertaram em mim a sede por descobertas, invenções, soluções para problemas, sempre buscando compreender os fenômenos em sua globalidade.

Muitas vezes, o educador se esquece de como é a perspectiva do educando, se esquece que já esteve naquele ambiente, sentado em uma cadeira durante horas sem ser ouvido – a empatia é de extrema importância para ampliação e fortalecimento de contatos e vínculos. Um eixo orientador a ser privilegiado pelos profissionais que atuam com educação: considerar o saber, a experiência, a história, os conflitos, os sonhos, os valores e crenças dos educandos. E aproveitar a oportunidade educativa para interpretar o mundo de forma sensível, a partir das sutilezas, dos afetos, da riqueza existente nos inúmeros saberes, aprendizados e na beleza que o contexto ao redor sugere.

Ao estimular educandos a conhecerem seus espaços internos, lidarem com emoções, perceberem a própria individualidade, reconhecerem suas identidades e respeitarem as dos outros, os educadores contribuem para a construção de uma sociedade mais harmônica, mais coesa, promotora de integração, integralidade, respeito, liberdade, na qual a cidadania é, de fato, exercida em sua plenitude.

Claudemir, lembra quando, após uma das suas aulas de literatura, você me recomendou leituras que não estavam no programa



daquele semestre? Assim que conheci Albert Camus e Dostoiévski. Professora Marieta (na época eu te chamava de tia Marieta), a senhora se recorda que me convidou a criar minha primeira peça teatral logo depois que interpretei o Pedrinho do Sítio do Pica-Pau Amarelo em uma aula sua? Assim nasceu o Mundo da Fantasia, que eu escrevi, dirigi e atuei, funções que só fui compreender mais tarde, no ginásio, com suas aulas de teatro, Jânio! Que presente! O que aprendi nas aulas de teatro da escola ficaram nesta arca, repleta de experiências significativas, que tenho carregado por todas as viagens nos mundos interno e externo. As lições aprendidas na sala de aula que preencheram o meu corpo-aluno passaram a ocupar o meu corpo ator, professor, gestor e, por consequência, novos espaços formativos com o passar dos anos.

Vocês dispunham de infinitas estratégias: aulas que atravessavam as paredes. Ousavam, criavam, experimentavam, nos convidavam para atividades fora do ambiente escolar, para ações que não eram parte do currículo ou apenas um conteúdo extracurricular, mas aprendizados para além do dia a dia da escola. Lembra, Nivaldo, quando você e o Claudemir nos levaram a diretórios de diferentes partidos políticos? E até para seu casamento nos convidou! Era assim, vida vivida uns com os outros, juntos, em relação de constante troca e aprendizado com afeto, com olhos nos olhos, com escuta atenta, valorizando-nos com o tempo de vida que tínhamos e nos apresentando sempre possibilidades de mundos no plural e a pluralidade desses mundos.

O gesto é a força motriz da experiência – do movimento individual (no ato de planejar desde aulas até outras ações inesperadas) ao movimento coletivo (no encontro com os educandos). Educar, ensinar, aprender

são processos dinâmicos, o tempo todo estamos em movimento, mas há o risco iminente de cair na estagnação, na repetição banal, na reprodução sem significado.

Em tempos tão complexos, o trabalho em grupo, o acolhimento, o olhar, o acreditar em cada educando, dialogar com suas fortalezas, demonstrar confiança no potencial de cada um, entre outros gestos, são ações fundamentais em nosso cotidiano como educadores. Precisamos estar atentos a tudo que está acontecendo, não nos deixarmos ser esmagados por tendências, sermos cada vez mais generosos, estimularmos a generosidade entre os grupos e com cada indivíduo no mundo, incentivarmos a amplitude de relação uns com os outros, enfim, agirmos como multiplicadores em prol de uma realidade melhor.

Com vocês, meus mestres, aprendi que, a partir da troca entre um educador comprometido e uma turma de educandos, podem ocorrer aprendizados e transformações no mundo de forma complexa, rizomática, repleta de significados, de porvir, que alimenta infinitas formas de constituição de sujeitos. A harmonia no modo de ser e agir de um educador reverbera no eixo do educando, estimula-o a encontrar o próprio caminho, a testar rumos, a arriscar-se, a mover-se, facilita o processo para que ele se desenvolva plenamente e colabore com a realidade a partir de sua potencialidade.

Por cada minuto ao lado de vocês, agradeço.

Muito obrigado, Professores!

37 SEMANAS DE GESTAÇÃO

.....
LETICIA SOARES
DE LIMA



MÃE DA AURORA E MADRASTA
DO MARTÍN, DEDICA-SE AO
ENSINO DE ESPANHOL NA
REDE PRIVADA DE ENSINO E
AO TRABALHO DE ATRIZ E
PESQUISADORA DE LINGUAGENS
TEATRAIS E RECURSOS PARA
ACESSIBILIDADE NO TEATRO.
SONHA COM UM MUNDO
QUE OFEREÇA ACESSO A
EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS
ENRIQUECEDORAS DE
MANEIRA VERDADEIRAMENTE
DEMOCRÁTICA.

Terça-feira, 24 de julho de 2018

Às cinco da manhã, acompanhada pelos contorcionismos da Aurora na minha barriga, bebo um copo de leite gelado na cozinha tentando chamar o sono que me abandonou já faz uma hora e meia... Lembro do texto sobre “o papel do educador contemporâneo” que deveria ter escrito para publicar com os demais companheiros do grupo de estudos, mas que ainda não escrevi. E absolutamente não foi por falta de tempo. Talvez tenha sido por falta de espaço dentro deste meu corpo que agora se dilata, albergando uma outra vida.

À medida que Aurora cresce e se realiza dentro de mim, meus clichês parecem não responder mais às perguntas que me assaltam. Por isso, suponho, definir “o papel do educador” seja uma tarefa para a qual me sinta tão incapaz neste momento. Tenho mais disposição (e não muita, na verdade, no auge do meu nono mês de gestação...) para olhar as estrelas enquanto caminho muito devagarinho ao lado da minha mãe; para me perder no olhar da gata que me observa escrevendo e tentando interpretar o que quer dizer seu ronronar; para aprender novas formas de cuidar das plantas do meu jardim com a atenção que merecem; para fantasiar as mãozinhas e pezinhos da minha filha e imaginar se serão mais parecidos com os meus ou com os do pai; para passar



horas vertendo lágrimas, comovida por algo que não sei identificar com precisão, mas parece se relacionar com a percepção de que a vida é um imenso mistério e as verdades que

eu - arrogantemente - acho que possuo não passam de ilusões.

Diante de tudo isso, estar grávida, para mim, é estar à espera de uma filha; estar na esperança de que essa filha se torne amante da vida com a mesma intensidade com que hoje chuta minha barriga. Então, quando me volto novamente para a questão do “papel do educador”, não posso deixar de considerar o fato de que ter minha filha me fará ocupar um novo lócus social, o de mãe, colocando-me em contato com uma nova faceta da função de educadora, a qual, a meu ver, consiste em trabalhar no cultivo da vida, do encantamento pela vida que começa no meu próprio encantamento pela vida que existe em mim e se estende ao outro.

E vivo isto: o finzinho de uma gravidez e o começo de uma vida que se iniciou em mim e, aos poucos, irá se outrando à medida que deixar de ser sonhada em minhas noites de insônia, e passar a ter seus próprios sonhos. Se o ato de educar é sonhar com o devir do outro, cabe a nós, educadores, não sufocar esse outro com nosso sonho, mas permitir que ele vá se sonhando mais do que sendo sonhado.



ARTE: RESPIRO NECESSÁRIO

.....
NATALIA GIRASOL



EDUCADORA
DE ARTE NO ENSINO
NÃO FORMAL COM
ADOLESCENTES E ADULTOS
COM DEFICIÊNCIA
INTELLECTUAL.
MOSAICISTA E
PESQUISADORA DAS ARTES
MANUAIS. NATALIA ACREDITA
NA SENSIBILIZAÇÃO DO
OLHAR E DO AFETO POR
MEIO DA ARTE.

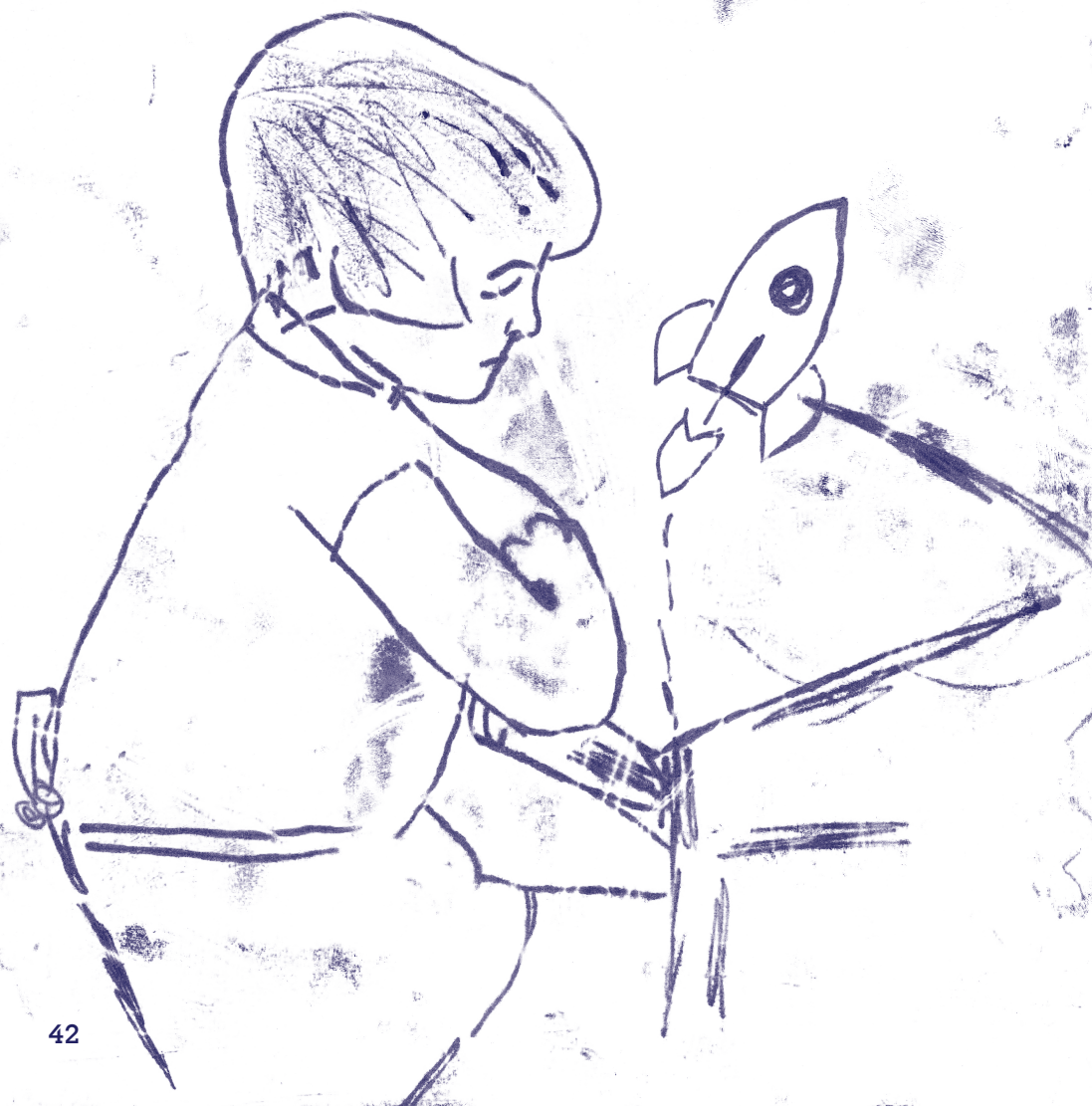
A tarefa do educador moderno não é derrubar florestas,
mas irrigar desertos.

C. S. Lewis

Em meio a todas as transformações sociais, históricas e políticas do mundo, estamos nós, educadores, muitas vezes nadando contra a corrente, levados a nos adaptar não somente às tecnologias, mas também às novas gerações: crianças e jovens acostumados com coisas rápidas e semiprontas. Penso não só no papel do educador como também no papel da arte e em como ela contribui na formação das novas gerações.

A arte tem um significativo papel para a transformação do olhar no processo de aprendizado. Somos cada vez mais bombardeados de informações, explosões de imagens nas telas dos computadores e *smartphones* – na era dos memes, quem der o primeiro *click* é o mais pop, saímos em “vantagem” quanto mais informação tivermos sobre tudo o que acontece. Cada vez mais são necessárias as ações para compreendermos os outros, nós mesmos e o mundo que nos cerca. É na arte que buscamos esse olhar, como afirma a educadora Camille Paglia, no livro “Imagens Cintilantes”, ao dizer que a contemplação da arte é um respiro necessário no meio do caos. É uma parada estratégica para sensibilizar o olhar para as coisas da vida e do mundo, para o convívio com o outro. Para criar e recriar relações, coisas, objetos, vivências, afetos.

“Precisamos reaprender a ver. Em meio a tamanha e neurótica poluição visual, é essencial encontrar o foco, a base da estabilidade, da identidade e da direção na vida (...) A única maneira de ensinar o foco é oferecer aos



olhos oportunidades de percepção estável – e o melhor caminho para isso é contemplação da arte.”

Como Paglia, outros tantos autores discutem sobre a importância e o papel da arte e do educador no mundo contemporâneo. Pierre Lévy fala dos benefícios das ferramentas virtuais no ensino, Herbert Read fala da educação pela arte, Ana Mae Barbosa desenvolve projetos de arte e defende o ensino da arte nas escolas - entre outros tantos autores nacionais e internacionais, há uma certeza do quanto a arte é benéfica no processo de aprendizado com um todo. Quando se trata do ensino público no Brasil, muitas boas ideias esbarram em obstáculos, como os entraves do campo político. Faltam leis que preservem o ensino da arte; continuamos tendo escassez de recursos, com cortes de verbas na área da educação e cultura, dificultando ainda mais o uso de tecnologias na educação; e o ensino da arte no currículo escolar ainda não é prioridade.

É necessário pressionar e mobilizar a sociedade e as instâncias detentoras do poder, sensibilizando-as para a valorização da arte nos currículos das escolas. A arte contribui na construção de novos saberes e, conseqüentemente, esses saberes agregam valores para a cultura do país. Para avançar, um país não pode deixar de lado sua cultura.

Essa sensibilização deve começar nas próprias instituições de ensino: todo o corpo docente, que também é um corpo político, deve lutar por recursos e leis consistentes que sejam aplicadas de verdade. Não somos poucos, então juntos temos a força para fomentar debates que trazem à tona reflexões acerca da problemática da vida contemporânea e de como podemos resgatar nossa identidade por meio da arte.

No que diz respeito ao uso da tecnologia nas escolas, atualmente temos uma nova tendência, conhecida como movimento maker, termo em inglês que significa “fazer” e simboliza o uso de ferramentas diversas para construir, consertar, modificar, fabricar e projetar objetos com as próprias mãos – o movimento maker é a expressão da cultura do “faça você mesmo”, em inglês conhecida por *do-it-yourself*. Também a escola e os educadores contemporâneos são desafiados pelo tempo presente a encontrar maneiras potentes de se relacionar com a tecnologia dentro e fora da sala de aula. A proposta do movimento maker é a integração de conteúdos por meio de projetos – possibilitando a percepção de que nunca há um jeito certo de fazer, assim o erro se torna bem-vindo. Quanto mais tentativas são colocadas em prática, mais erros possíveis de acontecer. Erra-se para criar algo diferente. Errar nos modelos antigos era sempre um problema, mas, com esse novo conceito, o erro se torna parte do aprendizado e do processo de criatividade. Como afirma o educador Jorge Larrosa Bondía, no texto “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”:

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.”

Larrosa afirma que o excesso de informação não nos possibilita o prazer da experiência, muito pelo contrário, só nos afasta de verdadeiras experiências. O fazer artístico é bem prático, as experiências passam pelo corpo e os conceitos assim ganham um verdadeiro significado. Um dos desafios dos educadores é fazer

pontes entre o saber teórico e o saber prático, partindo das vivências pessoais para tecer conexões, criando campos de debates e discussões sobre os conteúdos e aproximando a teoria de suas realidades, possibilitando assim experiências significativas. Tentativa, erro, acerto e erro fazem parte da experiência e são o processo de aprendizado. O erro é força motriz para avançar. A experiência do erro é algo que nos passa e nos toca além de permitir e estimular o pensamento ou ação criativa na busca de soluções para questões que nos cercam.

A palavra educar significa “conduzir para fora de si”. Como educadores, nossa responsabilidade é instigar no indivíduo a singularidade, a criatividade, uma consciência social e de respeito ao próximo, sentimentos para a convivência em sociedade. Mas exigem muito dos educadores, demandam responsabilidades que muitas vezes vão além do que nos compete – e em vários momentos somos podados. Existe um cobrança em relação à postura certa, cada vez mais somos cerceados e atacados pelo politicamente correto e políticos que querem dizer o que e como devemos ensinar.

Temos que estar sempre atentos, abertos ao diálogo e aprendendo sobre as crianças e jovens, num contínuo ato de adaptação de nós mesmos e do que compartilhamos com os alunos, num processo de se reinventar e ser inventor. Além disso, no nosso dia a dia há a necessidade de exigir uma postura das escolas a nosso favor, porque as instituições de ensino devem fornecer meios adequados para desenvolvermos nosso trabalho, desde estrutura física, materiais disponíveis, cursos e capacitações na área, apoio psicológico e o que mais for necessário para criarmos uma educação significativa.

Pensar o educador contemporâneo é pensar em afeto, afetar-se e afetar com olhar sensível e reflexivo para o que nos cerca e saber que não há respostas para tudo – aliás, tudo está sempre em processo de construção.

A arte é um respiro para as milhares de informações que nos encontram diariamente, educar com arte é possibilitar esse momento de silêncio, de reaprender a ver e a irrigar desertos.



PARA SOMAR OLHARES

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a Experiência e o saber a Experiência. Revista Brasileira de Educação, 2002, n.19.

PAGLIA, Camille. Imagens Cintilantes. Introdução. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2014.

INQUIETAÇÕES

.....

ROSANGELA MARTINS
CAPRONI



COORDENADORA
PEDAGÓGICA DE ESCOLA
DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA
REDE PÚBLICA MUNICIPAL
DE ENSINO. PESQUISADORA
DA POÉTICA NA INFÂNCIA,
ACREDITA NA RESISTÊNCIA
POR MEIO DA ARTE.

Se a minha mão não é uma presença neutra na história, devo assumir tão criticamente quanto possível sua politicidade. Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes.

Paulo Freire

O mundo passou por muitas transformações nas últimas décadas. Mas uma das maiores mudanças foi o incrível avanço das tecnologias e dos meios de comunicação. Aconteceu uma verdadeira revolução eletrônica na qual sons, imagens e textos cruzam fronteiras em frações de segundos. Na trajetória da educação, tais avanços inicialmente foram vistos como barreiras, mas cada vez mais os educadores percebem que a tecnologia também pode ser aliada no processo de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, novas propostas de educação também surgiram buscando preparar os alunos para resolver os problemas da sociedade e formar cidadãos que convivem no mundo digital. Afinal, a escola não pode ser uma caixa isolada do resto da sociedade, não basta memorizar conteúdos: é preciso entender, criticar e relacionar. Apesar disso, muitas escolas ainda reproduzem conteúdos sem preocupação com a reflexão, reduzindo o papel do professor ao ato de transmitir conhecimentos. Nessas escolas, espera-se dos alunos uma postura passiva. Paulo Freire, defensor de uma educação progressista, aponta, no livro *Pedagogia da Indignação*, a necessidade de não silenciarmos os alunos “em nome da ordem”:

“Não teríamos ultrapassado o nível de pura adaptação ao mundo se não tivéssemos alcançado a possibilidade de, pensando a própria adaptação, nos servir dela para programar a transformação. É por isso que uma educação progressista jamais pode, em casa ou na escola, em nome da ordem e da disciplina, castrar a altivez do educando, sua capacidade de opor-se e impor-lhe um quietismo negador do seu ser”.

Em muitas escolas, a excessiva imposição de disciplina torna mínima a participação dos alunos. Em outro extremo, algumas escolas se perderam na liberdade sem controle, a criança tudo pode e o respeito ao outro não é vivenciado. Manter o equilíbrio entre a autoridade e a liberdade parece ser hoje um grande desafio, não só para as escolas, como para as famílias também. São precisas as palavras de Freire quando ele diz: “... é vivendo com lucidez a tensa relação entre autoridade e liberdade que ambas descobrem não serem antagônicas uma da outra”.

Perante tais reflexões, despontam questionamentos como: qual aluno queremos? Como provocar o protagonismo? Se pretendemos formar cidadãos críticos e reflexivos, devemos questionar se, na prática, nossas crianças e jovens têm sido incentivados a participar de debates, para expressar suas opiniões, e a se envolver nas instâncias democráticas dentro dos espaços escolares. É primordial refletir sobre o currículo (oculto ou não), que muitas vezes já vem carregado de preconceitos, estigmas e distanciamento da realidade. Ressaltamos aqui que o currículo é tudo o que é vivido na escola, ou seja, tanto o conteúdo propriamente dito quanto atitudes e ações (ou até proibições), que não precisam ser necessariamente explícitas.



Diante desse cenário, importantes debates precisam ser feitos na escola, como, por exemplo, sobre preconceitos sociais, raciais e de gênero. Um caminho que busca a transformação é questionar o habitual currículo que apresenta apenas o ponto de vista do colonizador europeu e marginaliza grande parte da população. Um exemplo é o debate sobre como a temática indígena é abordada no ambiente escolar. Em vez de discutir a cultura indígena e mostrar a resistência desse povo, percebemos que o que ocorre na prática é a reprodução de conteúdos

preconceituosos, como o caso do estereótipo do índigena selvagem.

Quando a escola ignora os saberes dos alunos e sua realidade, e impõe discursos reprodutores de desigualdades, surgem ainda mais barreiras para a convivência e a potência da educação se perde, nem os objetivos mais elementares são alcançados. Assim os alunos não se consideram parte da escola e acabam se sentindo excluídos. E os conflitos aparecem na forma de violência e agressões. Poucas são as vezes em que esses sintomas são notados e a causa dos problemas enfrentados.

É preciso perceber as transformações do mundo e respondê-las com propostas relevantes, com discussões profundas sobre a sociedade na qual as crianças e jovens estão inseridos. Para isso, é preciso estar aberto às mudanças e vivenciar uma prática educativa realmente democrática. Tais práticas democráticas podem ser incentivadas desde a educação infantil, como acontece em algumas escolas de municipais da rede de São Paulo, em que as crianças de quatro e cinco anos elegem seus representantes e estes participam dos “Conselhos Mirins”, debatendo suas vontades e desejos com os professores e direção da escola. Vivenciei essa proposta em uma escola da região sul de São Paulo, na qual as reuniões eram mensais. As crianças representantes de cada turma eram convidadas a participar dos encontros e desenhavam em cartazes os pedidos dos colegas. A partir das reuniões com estes representantes é que as decisões eram tomadas e alguns pedidos atendidos.

Outro exemplo de práticas democráticas, desta vez no contexto de escolas de ensino fundamental, é a

constituição dos grêmios estudantis. Em uma escola com alunos de seis a catorze anos, os candidatos na eleição do grêmio apresentaram suas propostas para os colegas no pátio e todos votaram. Durante a campanha, os estudantes foram percebendo que algumas promessas eram impossíveis de cumprir, enquanto outras representavam seus anseios. Após a posse dos representantes do grêmio, chegou o momento de colocar suas propostas em prática.

Defender uma escola libertadora é também abrir espaço para o diálogo e construir um local de convívio e relações com respeito e dignidade. Diante de uma realidade que já ignora parte de sua população, a escola tem a responsabilidade de ouvir o que todos têm a dizer. O caminho para uma escola democrática e libertadora é abrir espaços para o compartilhamento de decisões e criar práticas nas quais todos possam construir o conhecimento, quebrando as barreiras existentes entre a escola e a vida e trazendo vida para dentro da escola.

PARA SOMAR OLHARES

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

EDUCADORES QUE DIZEM NÃO

.....

SERENA LABATE



EDUCADORA DE ARTES
NO ENSINO NÃO FORMAL
E ARTISTA VISUAL QUE SE
DEDICA À AQUARELA E À
GRAVURA. SERENA TRABALHA
COM OS EDUCANDOS
EM BUSCA DE UM OLHAR
SENSÍVEL E CRÍTICO PARA SI E
PARA O MUNDO, QUALIDADES
DO EXERCÍCIO ARTÍSTICO
PARA A CIDADANIA.

Um professor nota a ausência de um aluno em suas aulas e decide visitá-lo em casa. Descobre que o pai do menino morreu e que sua mãe está doente. O menino faltava para poder cuidar da mãe, cuja doença está acometendo várias pessoas dessa aldeia. Conta para os dois que está organizando uma expedição com outros estudantes para cruzarem a montanha e buscar ajuda de médicos experientes de outra cidade. O professor explica que a travessia é muito perigosa, mas o menino insiste em ir! Ele quer muito trazer médicos e medicamentos para curar sua mãe. Com o consentimento dela, o menino se junta à expedição, porém ao longo do caminho também desenvolve a doença e se torna incapaz de prosseguir viagem junto aos outros...

Essa história é uma peça, escrita em 1930 pelo dramaturgo alemão Bertolt Brecht, intitulada “Aquele que diz sim” e “Aquele que diz não”. É a união de uma mesma história contada com finais diferentes. Em um dos finais, o garoto aceita a tradição do seu povo, de se sacrificar para não atrapalhar o andamento da expedição - e termina sendo lançado ao precipício pelos estudantes. No final de “Aquele que diz não”, o garoto não aceita a tradição e quer que o grupo leve-o de volta para a aldeia, afirma que podem retomar a expedição no dia seguinte. Diz:

“- Quanto ao antigo grande costume, não vejo nele o maior sentido. Preciso é de um novo grande costume, que devemos introduzir imediatamente: o costume de refletir novamente diante de cada nova situação.”

O grupo chega à conclusão que apesar da decisão do menino não ser heroica, ela é pertinente - e mesmo prevendo a zombaria e a humilhação por voltarem sem cumprir a missão, decidem retornar:



“-Então nós queremos voltar. Não vai ser a zombaria e não vai ser o desprezo que vão nos impedir de fazer o que é de bom senso, e não vai ser um antigo costume que vai nos impedir de aceitar uma ideia justa. Encoste a cabeça em nossos braços. Não faça força. Nós levamos você com cuidado.”

Nesse debate sobre a pertinência de normas e costumes sociais, revela-se o que sinto ser a essência do papel do educador contemporâneo: dizer não às tradições que não são mais significativas para o nosso momento histórico. O educador contemporâneo deve ter o papel do jovem personagem da peça de Brecht: ser aquele que diz não ao costume que nos impede de aceitar uma ideia justa.

A educação é entranhada de costumes cujas origens nem nos lembramos. Em um capítulo de seu livro “Linguagem e educação depois de Babel”, o filósofo espanhol Jorge Larrosa Bondía discorre sobre relação costumeira entre educação e diminuição:

“Trata-se de uma questão de filosofia: de saber se o ato mesmo de receber a palavra do mestre – a palavra do outro – é um testemunho de igualdade ou de desigualdade. E de uma questão de política: trata-se de saber se um sistema de ensino tem como pressuposto uma desigualdade a reduzir ou uma igualdade a verificar. Trata-se da ordem pedagógica como uma ordem edificada na construção social da desigualdade”.

Bondía deixa claro as relações de poder que são estabelecidas ao longo do tempo em sala de aula. E que,

para existirem, são baseadas no decreto da pedagogia de dividir o mundo em dois: ciência e ignorância, capacidade e incapacidade, professores e alunos, os que dão e os que recebem, os que sabem e os que não sabem, os que explicam e os que compreendem. Afirmo que a explicação, antes de ser o ato pedagógico, é o mito da pedagogia, uma ficção da incapacidade do outro. A explicação seria a tradição da teoria e da prática de ensino, onde o ensinar e fazer aprender reduziu-se ao embrutecimento do outro. O autor critica a atual pedagogia, dizendo que está enraizada a uma ordem social e política que persegue a igualdade ao mesmo tempo que reproduz a desigualdade e que aspira à liberdade ao mesmo tempo que constrói a dominação.

Quais são os nós a serem ditos pelos educadores contemporâneos às tradições não mais significativas, por vezes surgidas em tempos que nem temos mais memória?

Bondía cita o livro de Jacques Rancière, “O Mestre Ignorante”, como estudo de caso do solitário e excêntrico pedagogo Joseph Jacotot que viveu no século XVIII. Esse mestre partia de uma suposição pragmática:

“‘Nosso problema não é provar que todas as inteligências são iguais, mas ver o que se pode fazer com essa suposição’. A igualdade é um pressuposto e não um objetivo, deve pôr-se antes e não depois, não como uma ilusão mas como uma potência da qual é possível verificar seus efeitos. (...) Essa é a única moral do mestre ignorante, essa que preside o ato de falar e escrever, de escutar e ler, de perguntar e responder, de dizer e contradizer, o reconhecimento do outro como alguém que tem algo a dizer e como alguém capaz de compreender o que os outros lhe dizem”.



Para Bondía e Rancière, Jacotot foi aquele que disse não. Não como pedagogo, mas como ser humano. E por dizer não a uma tradição tão substancial da pedagogia, estabeleceu uma antipedagogia, essa não pode ser institucionalizada pois não pode depender de posições de saber e de poder. Bondía conclui “A verificação da potência da igualdade não necessita de mestres, nem de pedagogos, nem de líderes, nem de sociólogos, nem de especialistas, nem de políticos. Necessita, isso sim, de seres humanos dispostos a aprender, a pensar, a falar, a atuar com outros seres humanos. Sem outras intenções. Sem outra legitimidade. Sempre em presença. Sempre horizontalmente. No chão”.

Atuante no Brasil, temos o educador Tião Rocha, um dos idealizadores do CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, fundado em 1984). Tião e outros se reuniram um dia para falarem das suas inquietudes em relação ao futuro dos jovens da região de Curvelo em Minas Gerais, chegando ao resultado de uma lista de quinze não objetivos ou não metas para guiar ações com os jovens da região:

“Fazer da criança um objeto de interesse de coordenadores e pais, vista como ser sem vontade e vida própria.

Acreditar que nossos conhecimentos são únicos e verdadeiros.

Ensinar às crianças que o mundo é dos mais fortes, mais espertos ou mais ricos”.

O CPCD é um projeto que acontece em várias cidades do Brasil (principalmente em cidades de Minas Gerais) e também em outros países. Partindo do pressuposto que não é necessário escola para fazer educação ou que “dá pra fazer uma escola embaixo do pé de manga”, essa iniciativa parte da diferença entre ensinagem e aprendizagem – e fica com a aprendizagem. É um projeto de escuta permanente, onde tecnologias sociais são cridas pelos envolvidos – e cuja mais famosa, o biscoito escrevido, surgiu de uma percepção de Tião diante ao depoimento de uma senhora dizendo que não tinha nada a ensinar, era analfabeta e que só sabia fazer biscoitos. O biscoito escrevido é uma das formas como o CPCD estimula a intimidade com os números e palavras, onde massa de polvilho assume formas de letras e números, e uma a uma resulta no nome próprio dos educandos, que depois comem –felizes– uma de suas primeiras produções escritas.

“Nós somos treinados a olhar pelo lado vazio do copo. O lado vazio você mede, se chama IDH, Índice de Desenvolvimento Humano. É o lado das carências. Os indicadores geralmente medem o que falta. Pensam na solução de fora para dentro, como se fosse necessário jogar algo dentro do copo. Mas não levam em consideração o que há dentro do copo. Dentro do copo existe IPDH: Índice de Potencial de Desenvolvimento Humano”, explica Tião.

A essência do CPCD e sua filosofia do IPDH estão em sintonia com o que dizem Bondía e Rancière sobre a potência da igualdade como pressuposto e não como objetivo. Tião Rocha e o CPCD nos provam que é possível fazer diferente na educação, dizendo não com seus não objetivos. Assim como o menino na peça de Brecht, o CPCD reafirma o indispensável grande costume: o costume de refletir novamente diante de cada nova situação, o que acredito ser a essência do papel do educador contemporâneo.

PARA SOMAR OLHARES

BONDÍA, Jorge Larrosa. Educação e Diminuição. In Linguagem e Educação depois de Babel. São Paulo: Autêntica Editora, 2007.

BRECHT, Bertolt. Aquele que diz sim e aquele que diz não. In Bertolt Brecht Teatro Completo. Volume 3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GRAVATÁ, André et al. Volta ao Mundo em 13 escolas. São Paulo: Fundação Telefônica: A. G., 2013. Página 81. Livro na íntegra disponível pelos autores em: <https://voltaaomundoem13escolas.files.wordpress.com/2018/06/livro_volta-ao-mundo-em-13-escolas.pdf>

QUE NENHUM
MURO
LIMITE
NOSSOS
OLHOS



no's educadores